

# TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA ASSOCIAÇÃO AMOR- PEIXE DO PANTANAL/MS E OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À SUA CONTINUIDADE

*Trajectory of women in the Amor-Peixe association of the Pantanal/MS and the meanings assigned to their continuity*

DOI: 10.48075/igepec.v26i1.26832

Christiane Marques Pitaluga  
Leila Marina Gonçalves Barros  
Cleonice Alexandre Le Bourlegat

# TRAJETÓRIA DE MULHERES NA ASSOCIAÇÃO AMOR-PEIXE DO PANTANAL/MS E OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À SUA CONTINUIDADE

*Trajectory of women in the Amor-Peixe association of the Pantanal/MS and the meanings assigned to their continuity*

DOI: 10.48075/igepec.v26i1.26832

Christiane Marques Pitaluga  
Leila Marina Gonçalves Barros  
Cleonice Alexandre Le Bourlegat

**Resumo:** O objetivo da pesquisa foi identificar a trajetória da iniciativa de mulheres da Associação Amor-Peixe, de Corumbá/MS, Brasil, no período de 2013-2018, assim como interpretar os sentidos atribuídos à sua continuidade, em termo de desafios enfrentados e de forças de propulsão atribuídas por suas aspirações. Além de fontes bibliográficas e documentais, a pesquisa se valeu de entrevistas semiestruturadas junto às protagonistas. Os resultados revelaram uma trajetória de sucesso mantida entre 2003 e 2010, sob iniciativa das mulheres de uma comunidade de pescadores. No entanto, o desmonte das políticas públicas e o afastamento dos parceiros, num momento em que se verificava seu processo de autonomização, repercutiram em outra realidade em 2018. A interpretação das percepções atribuídas por elas permitiu considerar que as perspectivas de futuro se davam em função das aspirações construídas socialmente por elas nesse processo, que davam sentido às suas experiências pessoais como mulheres.

**Palavras-chave:** Associação Amor Peixe. Mulheres Pantaneiras. Empreendimento Econômico Solidário. Economia Solidária.

**Abstract:** *The objective of the research was to identify the trajectory of the women's initiative of the Amor-Peixe Association, in Corumbá/MS, Brazil, in the period 2013-2018, as well as to interpret the meanings attributed to its continuity, in terms of the challenges faced and of propulsion forces attributed to their aspirations. In addition to bibliographic and documentary sources, the research used semi-structured interviews with the protagonists. The results revealed a successful trajectory maintained between 2003 and 2010, of the initiative of women from a fishing community. However, the dismantling of public policies and the withdrawal of partners, at a time when their process of autonomization was taking place, had repercussions in another reality in 2018. The interpretation of the perceptions attributed by them allowed us to consider that the prospects for the future were due to the aspirations socially constructed by them in this process, which gave meaning to their personal experiences as women.*

**Keywords:** Amor Peixe Association. Pantanal women. Solidarity Economic Enterprise. Solidarity economy.

**Resumen:** *El objetivo de la investigación fue identificar la trayectoria de la iniciativa de mujeres de la Asociación Amor-Peixe, en Corumbá/MS, Brasil, en el período 2013-2018, así como interpretar los significados atribuidos a su continuidad, en términos de desafíos enfrentados y fuerzas de propulsión atribuidas a sus aspiraciones. Además de las fuentes bibliográficas y documentales, la investigación utilizó entrevistas semiestructuradas con los protagonistas. Los resultados revelaron una trayectoria exitosa mantenida entre 2003 y 2010, bajo la iniciativa de mujeres de una comunidad pesquera. Sin embargo, el desmantelamiento de las políticas públicas y el retiro de socios, en un momento en que se estaba produciendo su proceso de autonomización, repercutieron en otra realidad en 2018. La interpretación de las percepciones atribuidas por ellos permitió considerar que las perspectivas de futuro se dieron en función de las aspiraciones construidas socialmente por ellas en este proceso, que dieron sentido a sus vivencias personales como mujeres.*

Palabra clave: Asociación Amor Peixe. Mujeres del Pantanal. Empresa Económica Solidaria. Economía solidaria.



## INTRODUÇÃO

A expressão Economia Solidária tem sido compreendida na política pública brasileira, como sendo “o conjunto de atividades econômicas - produção, distribuição, consumo, poupança e crédito-organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras - sob a forma coletiva e autogestionária” (MTE/SENAES, 2006, p. 11). As matrizes mais remotas da economia solidária, segundo Lechat (2002), datam no século XIX, quando emergiram experiências cooperativas por iniciativas do movimento operário na Inglaterra e EUA, numa luta por maior autonomia comunitária. Após nova crise do sistema capitalista e durante a fase de reestruturação da economia, deflagrada nos anos 70 e 80 do século XX, o movimento cooperativista dos sindicalistas se reacendeu, em paralelo a diversos movimentos sociais, ajudando a compor uma nova visão econômica correlacionada à solidariedade e protagonismo social, assim como ao ecologismo (LECHAT, 2002).

A construção do conceito de Economia Solidária teria surgido, mais especificamente nos anos 90 do século XX, conforme assinala Lechat (2002), entre os adeptos da Economia Social na França. As reflexões se deram num movimento crítico contra uma economia que não levava em conta a dimensão social e política em processos de desenvolvimento. Os pensadores latino americanos, a exemplo dos franceses, também chegaram a considerar a Economia Solidária como uma alternativa ao sistema capitalista. No entanto, por estarem mais influenciados pela chamada “economia popular” correlacionada ao circuito inferior da economia dos países latino-americanos (FERNANDES; DINIZ, 2018), a teoria e prática da Economia Solidária estiveram mais vinculadas à economia popular, portanto, direcionada às populações mais pobres de seus respectivos países (LECHAT, 2002). Nos anos 90 do século XX, a economia popular e solidária ganhou expressão no Brasil como forma de resposta das classes populares contra a ameaça da pobreza extrema (DINIZ, 2017), ganhando espaço junto às políticas públicas a partir da Virada do Milênio.

Nesse contexto, segundo Moraes *et al* (2011), as cooperativas de produção foram pensadas como modalidade de defesa diante da ameaça da pobreza extrema, especialmente por indivíduos que enfrentavam o problema do desemprego. Partiam do pressuposto que, por meio de cooperativas, seria possível emergir empreendimentos coletivos, por iniciativa das populações vulneráveis, num processo em que a prática econômica se associava à ideia de uma prática social solidária, mediante decisões tomadas coletivamente e com divisão igualitária dos ganhos (SINGER, 2002). Nesse processo, o autor pensou na Economia Solidária não como algo que se opusesse ao capitalismo e sim como um modo de produção, que junto de outros modos de produção estaria compondo a formação social capitalista dominante.

A Associação Amor-Peixe se constituiu a partir da iniciativa de mulheres de uma comunidade de pescadores de área ribeirinha do Pantanal, junto ao rio Paraguai, município de Corumbá, MS, no Brasil, em 2003, portanto, no mesmo ano de criação de uma política nacional de apoio à Economia Solidária. Tais mulheres viviam uma situação de pobreza extrema e contaram para essa iniciativa com a colaboração de parceiros locais e regionais, em especial da ONG, a *World Wildlife Found - WWF* até 2010 (AMOR-PEIXE, 2011). Os projetos Reciclando Peixe e depois Amor Peixe, frutos desse protagonismo feminino, partiram da ideia do reaproveitamento da pele dos peixes, até então descartada como lixo, visando produzir peças de artesanato, para serem comercializadas na Casa do Artesão da cidade de Corumbá. Essa experiência associativa despertou interesse como caso de pesquisa, por se tratar de uma iniciativa

de mulheres num ambiente rural de pescadores e do alcance de resultados obtidos até 2010, ao ponto de ter sido considerado um empreendimento consolidado. A partir de então, a WWF planejou sua saída, frente ao pressuposto da autonomia conquistada e, para esse fim, deu suporte a um planejamento futuro e para a construção de uma aliança de parceiros (WWF, 2011).

O objeto de pesquisa é a Associação Amor Peixe, apreciado em seu contexto histórico e territorial. Já os sujeitos da pesquisa são as mulheres protagonistas desta Associação. Logo, o objetivo da pesquisa foi identificar a trajetória da iniciativa de mulheres da Associação Amor-Peixe, de Corumbá/ Brasil, no período de 2013-2018, assim como interpretar por meio das associadas, os sentidos atribuídos à sua manutenção, em termo de desafios enfrentados e de forças de propulsão atribuídas por suas aspirações. O artigo foi estruturado compondo esta parte introdutória, seguido pela metodologia, desenvolvimento e considerações finais. No desenvolvimento foram apresentados, além dos principais conceitos selecionados na composição do referencial teórico, os resultados e discussão dos dados obtidos na pesquisa.

## 2 - Metodologia

A pesquisa realizada foi de natureza descritiva-analítica e exploratória-interpretativa. A descrição e análise se deram mais particularmente em relação ao referencial teórico-metodológico e à contextualização do objeto de pesquisa. A exploração, numa maior proximidade e familiarização com a realidade vivida pelas protagonistas dessas iniciativas (objeto de pesquisa) foi associada à interpretação dos sentidos atribuídos sujeitos da pesquisa às suas práticas no âmbito dessa associação. A pesquisa foi considerada um estudo de caso, por se preocupar em averiguar as circunstâncias da vida real, e ainda, reproduzir o contexto do cenário onde está ocorrendo a referida análise (GIL, 2008).

O método de pesquisa foi dedutivo, partindo de uma orientação teórica geral, para se focalizar na compreensão de uma realidade particularmente vivida, mediante uso de procedimentos metodológicos específicos para esse fim. A abordagem foi sistêmica, uma vez que sua análise e interpretação consideraram as articulações interativas das mulheres entre si e com os recursos obtidos na realidade vivida, assim como com os parceiros em nível local e regional.

Os procedimentos da pesquisa envolveram fontes secundárias e primárias. Como fontes secundárias foram consultadas referenciais bibliográficos e documentais, sejam para a construção do referencial teórico, como para a contextualização do objeto e sujeitos da pesquisa. As fontes primárias foram constituídas pela percepção das mulheres integrantes da Associação Amor Peixe, por meio de aplicação de entrevistas semiestruturadas e de diversas visitas *in loco*, que também permitiram contatos informais. Foram preparadas entrevistas para serem aplicadas à presidente e a três associadas.

Os dados das fontes secundárias e dos registros obtidos por meio de visita *in loco* permitiram uma análise descritiva, de natureza contextual e da realidade objetiva focalizada pela pesquisa. Por outro lado, foi possível interpretar as percepções dos sujeitos da pesquisa, a partir dos dados das entrevistas semiestruturadas e de conversas informais com integrantes da associação obtidas durante a visita *in loco*, procurando interpretar os sentidos dados a esse empreendimento. De acordo com Minayo (2001), é uma forma de análise qualitativa, que permite melhor conhecer o universo de significados, motivos, aspirações, crenças e valores. As principais

categorias utilizadas nas entrevistas diziam respeito, sobretudo, aos produtos fabricados, capacitações realizadas e o sentimento de empoderamento construído nesse processo. Duarte (2004), reconhece que, além das entrevistas, pode-se valer de vários outros instrumentos para se proceder a uma análise qualitativa. No caso desta pesquisa, a interpretação dos dados foi complementada, por meio da nuvem de frequência das palavras mais utilizadas pelas entrevistadas, mediante uso *software online world cloud*.

O desenvolvimento da pesquisa foi organizado em duas abordagens: o referencial teórico e os resultados e discussões dos dados obtidos.

### **3 - Referencial teórico**

#### **3.1 - Economia Solidária: construção conceitual**

Entre pensadores franceses, o conceito construído a partir da Economia Social, favoreceu reflexões conceituais sobre a “Economia Social Solidária -ESS. Entre estes pode-se citar Le Poulenne (2014), que vê na ESS uma nova maneira de viver juntos, num processo de melhoria de laços sociais estabelecidos, na atual complexidade do tecido social, que já se manifesta há um bom tempo como uma revolução silenciosa no mundo. Também Butstraen; Meynet e Cabrespines (2012), interpretam as iniciativas de economia social solidária como sendo um novo modo de vida proposto, não só por grupos de classes sociais mais pobres, como também da classe média, em busca de mundo mais justo, que já vêm transformando o planeta há pelo menos trinta anos. Para grande parte desses pensadores europeus, por meio dos empreendimentos solidários, se busca conciliar a atividade econômica com a utilidade social, dando-se primazia às pessoas. Na acepção de Lipietz (2000), os empreendimentos solidários, são de livre adesão e não supõem iniciativa e nem lucros individuais. A gestão é sempre democrática e sua estrutura deve estar a serviço de um projeto coletivo, que pode abranger um território, um grupo social ou ainda de uma associação em torno de projetos. A utilidade social, segundo ele, se manifesta diante da iniciativa de participação de múltiplos parceiros da sociedade, definindo bens e serviços a serem produzidos em comum. Nesse processo, segundo Lipietz (2000), o setor público pode exercer um importante papel de interlocutor, ao formular políticas públicas e proporcionar outros serviços de interesse geral.

Na literatura brasileira, durante o período de maior manifestação das iniciativas de Economia Solidária no país, surgiram diversas abordagens sobre as características dos Empreendimentos Econômicos Solidários -ESS. “Nessa nova prática econômica, os trabalhadores puderam experimentar os princípios da democracia e igualdade, equidade e solidariedade, e de serem donos de sua própria produção” (MORAES *et al*, 2011, p. 71). Na perspectiva de Cruz e Cavalcante (2013), a economia solidária propõe um desenvolvimento inclusivo, num sistema autogestionário. Abrange inúmeras associações estabelecidas por indivíduos que se encontram em uma situação vulnerável (SIMON; BOEIRA; 2017; SINGER, 2002). Viabiliza aos sujeitos sociais assegurem “as condições materiais satisfatórias para o exercício ético de sua liberdade” (MANCINI, 2005; p.3). Diferente das empresas convencionais, o sucesso dos negócios sociais é medido pelo impacto gerado no âmbito social e ambiental e não no total de dividendos adquiridos em um dado período (YUNUS NEGÓCIOS SOCIAIS BRASIL, 2016). A economia social e solidária propicia uma possibilidade para que as mulheres tenham acesso à informação, poder de tomada

de decisão, empoderamento feminino e social (OLIVEIRA *et al*, 2017; SIMON; BOEIRA, 2017).

No Fórum Brasileiro de Economia Solidária-FBES (2016), ficou estabelecido que a economia solidária se manifesta como alternativa econômica fundamentada nos princípios do igualitarismo, cooperação, solidariedade social, democracia, justiça, sustentabilidade, e o respeito pelo pluralismo.

Com base nas experiências das iniciativas ocorridas durante três décadas no país, o conceito de Economia Solidária ainda vem sendo retomado por autores brasileiros, agora numa visão mais globalista e relacional dessas práticas, pensando-as em longo prazo. Para Gaiger e Kuyven (2019, p.1), a Economia Solidária não abrange apenas um tipo específico de empreendimento econômico, mas este faz parte de um campo de economia solidária, composto por “um amplo conjunto de organizações econômicas, entidades representativas, organismos da sociedade civil e ações do governo”. De acordo com Gaiger (2013), esse campo de Economia Solidária supõe a interação de quatro segmentos: (1) os Empreendimentos Econômicos Solidários-EES; (2) as organizações civis de apoio (Ongs, universidades, entidades sindicais, entre outros); (3) os órgãos de representação dos atores e de articulação política (sindicatos, incubadoras, entidades de crédito solidário, redes, entre outros); (4) organismos estatais à frente de programas públicos de Economia Solidária). Como se pode observar, trata-se de uma abordagem mais relacional da Economia Solidária, que leva em conta uma solidariedade exercida na complexidade das redes e no contexto do território no qual se manifesta. Nesse novo olhar os EES deixam de ser analisados como entidades isoladas, em que se observam somente as relações mantidas no seu interior, para avançar a uma abordagem mais complexa dos princípios que fazem parte de seu conceito, entre outros, o do coletivo, da solidariedade e da sustentabilidade, desenvolvidos numa rede de interação territorial.

### **3.2 - ENTIDADES DE APOIO E FOMENTO (EAFS) NA ORGANIZAÇÃO E DINÂMICA DOS EES**

Mesmo que os vários tipos de EES sejam considerados modelos exemplares de Economia Solidária, em termos de autogestão e socialização dos meios de produção, Gaiger e Kuyven (2020), alertam que eles também dependem de circunstâncias objetivas específicas, uma vez que funcionam como espaços de vínculos sociais na formação de sujeitos ativos. Esse pressuposto leva a ter que considerar a avaliação de um EES, numa visão mais globalista e de longo termo. A avaliação de um EES, segundo Ferrarini e Veronese (2010), precisa levar em conta, não só as relações internas do empreendimento como as externas, observando-se o efeito da externalidade indutora, uma vez que a interação com o ambiente externo é marcante neste segmento. Nesse sentido, tanto as políticas públicas como as instituições promotoras apresentam uma relação direta com o desenvolvimento de todos os EES, especialmente quando se trata de condições de vida precárias (FERRARINI e VERONESE, 2010). Afinal, são essas externalidades que viabilizam o empreendedorismo e, no caso de populações vulneráveis é ainda mais intensa a relação de dependência do apoio externo, incluindo políticas públicas.

Ainda que os Empreendimentos Econômicos Solidários -EES tenham atuado com formatos organizacionais diferentes, no Brasil, conforme bem lembra Silva (2016), não se pode deixar de pensar a respeito da grande relevância exercida pelo apoio e assessoramento das Entidades de Apoio e Fomento (EAFs), tanto na organização, como na viabilização da dinâmica desses EES. Todas as possibilidades

proporcionadas por essas articulações no campo coletivo viriam caracterizar a natureza plural da Economia Solidária (SILVA, 2016; FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2006). Graças a essas articulações, segundo Silva (2016), os EES puderam ter acesso, tanto a serviços de assessoria, assistência ou capacitação técnica, seja com ações decisivas em momentos mais específicos ou como EAFs que seguiram como pontos de referência até a realidade atual. As EAFs se apresentam estruturadas, entre outras, como Organizações Não Governamentais - ONGs, sistema S (Sebrae, Senai, Senac), centrais sindicais, fóruns nacionais ou estaduais, instituições religiosas, universidades, incubadoras tecnológicas, órgãos ligados a governos (municipal, federal, estadual).

### **3.3 - SENTIDO GERAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NOS DIAS ATUAIS**

Outro aspecto abordado nas novas reflexões a respeito da Economia Solidária no Brasil tem sido a importância de se avaliar os sentidos atribuídos aos EES por seus protagonistas nessa trajetória, no atual contexto em que vivem, levando-se em conta, não apenas as soluções para suas necessidades, como também suas aspirações ligadas a valores e expectativas (GAIGER; KUYVEN, 2019; GAIGER, 2013). Os dois sentidos -necessidades e aspirações- frutos de uma construção social durante esse tempo vivenciado na prática da Economia Solidária, acabam sendo modelados pela intersubjetividade individual desses protagonistas. De acordo com Gaiger e Kuyven (2019), as necessidades instigam estes protagonistas a ações mais imediatas, no entanto acalentadas pelas aspirações relativas a seus valores em relação ao que vem buscando realizar, como forças de propulsão. De acordo com o mapeamento realizado por esses autores junto aos EES do país, os principais desafios enfrentados têm sido interpretados por seus integrantes muito mais nos aspectos econômicos, ligados tanto à sua renda como do EES. Já o sentido da conquista tem se relacionado muito mais às suas aspirações em termos de valores e expectativas mantidas pelos mesmos. Mesmo que os EES tenham perdido o vigor, diante do desmonte da ação pública, os sentidos atribuídos pelos sujeitos que protagonizam os EES que seguem ativos, nem sempre revelam uma reação defensiva diante do desemprego (GAIGER e KUYVEN, 2020). Seus argumentos revelam, de modo geral, a compatibilização dos diversos papéis da Economia Solidária, seja o da resistência, da reparação ou compensação, como também de espaço propulsor de uma forma alternativa social ou econômica de empreender.

### **3.4 - ASSOCIAÇÃO COMO FORMATO ORGANIZACIONAL DOS EES NO BRASIL**

Após realizar um balanço na trajetória dos empreendimentos solidários no Brasil até 2010, por meio do Sistema de Informações em Economia Solidária, Gaiger e Kuyven (2019) identificaram durante essa trajetória três modalidades de Empreendimentos Econômicos Solidários-ESS: cooperativas, associações e grupos informais. Em termos das motivações para sua criação, as associações se apresentaram como sendo aquelas que mais emergiram por meio de estímulos e apoio externos. Do ponto de vista estrutural, as associações também se mostraram menos estruturadas que as cooperativas e menos caóticas do que os grupos informais entre os ESS, apresentando-se sob:

...um formato incompleto para preencher todas as necessidades de uma empresa econômica, mas menos oneroso e sobretudo mais flexível para viabilizar determinadas atividades, adaptando-se à natureza cambiante e às vezes transitória dos arranjos socioprodutivos da economia popular. (GAIGER e KUYVEN, 2019, p. 818)

Pode-se inferir por meio dessa abordagem, que as associações reuniram características mais ajustáveis às diversas situações e que poderiam ser implementadas por meios mais simplificados.

### **3.5 - MULHERES PROTAGONISTAS NA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

As mulheres têm exercido importante papel no protagonismo de iniciativas de Economia Solidária, em princípio, como alternativa de emprego ou fonte suplementar da renda familiar (SCHNEIDER, 2010). Mas os estudos da autora nessa trajetória da Economia Solidária brasileira permitiram vê-las nesse processo, como sujeitos de sua própria história, não somente em função da dominação masculina, mas, sobretudo na busca de sentido às suas experiências pessoais. Elas mostram-se conscientes das dificuldades enfrentadas, mas com a sensação de que ainda podem controlar suas escolhas, em função do sentido atribuído a tais práticas.

## **4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA**

### **4.1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ORIGENS DA ASSOCIAÇÃO AMOR PEIXE**

A Associação Amor-Peixe foi instituída em 2003, no mesmo ano da criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) pelo Ministério do Trabalho. Em Mato Grosso do Sul, o Programa Estadual de Fomento à Economia Solidária - PEFES/MS acabou sendo criado somente em julho de 2005, pela Lei Nº 3.039, tendo o fomento aos empreendimentos solidários como um de seus objetivos. De acordo com os resultados do primeiro Mapeamento Nacional de Economia Solidária realizado em 2005-2007, segundo Ogando (2013), 52% das iniciativas de ESS surgiram no formato de associações. Mas o segundo Mapeamento ocorrido em 2009, verificou-se que dentre cerca de metade dos ESS buscados, alguns tinham deixado de existir, outros mudados de endereço ou deixando de atender os critérios da Economia Solidária. Geralmente se tratava de ESS apoiada por ONGs que haviam se retirado, o que levava os entrevistados a interpretarem o insucesso atribuído ao “fim do apoio”. As respostas se modificavam, no caso de grupos que já se encontravam organizados antes de estabelecerem o ESS. Entre aqueles que haviam iniciado mediante projetos construídos com o apoio externo, sem antes estarem devidamente organizados, a tendência era a de resumir suas práticas apenas ao que era proposto nele e junto dos apoiadores (OGANDO, 2013).

De acordo com a análise realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) 2016, a respeito dos dados obtidos do segundo Mapeamento Nacional de Economia Solidária junto ao Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES), havia 19.708 Empreendimentos Econômicos Solidários distribuídos nos municípios brasileiros, envolvendo 1.423. 631 pessoas associadas (43% do sexo feminino), sendo que 65,1% dos EES haviam sido criados entre 2000 a 2013. O formato em associação constituía a grande maioria dos EES (60%). Ainda que de maior simplicidade jurídica para ser utilizada, a associação era considerada mais limitada para se exercer determinadas atividades comerciais, a exemplo de não poder emitir nota fiscal (IPEA, 2016).

#### 4.2 - ORIGEM E TRAJETÓRIA DA ASSOCIAÇÃO AMOR-PEIXE

A origem e trajetória da Associação Amor Peixe até 2010 foi extraída do Relatório da WWF-Brasil sobre o projeto sobre esse EES, publicado em 2011. Segundo o documento, a Associação Amor Peixe surgiu num pequeno grupo de mulheres de pescadores de uma comunidade ribeirinha do Pantanal de Mato Grosso do Sul, no município de Corumbá/MS, Brasil, que viviam uma situação de pobreza extrema. A primeira articulação teria partido de 15 mulheres, ainda em 2001, interessadas em complementar a renda familiar, por meio da transformação em couro da pele do pescado até então destinada ao lixo, visando produzir artesanato. Buscaram o apoio da ONG *World Wildlife Found-* WWF-Brasil e de outras organizações para serem capacitadas para esse fim.

Essa iniciativa deu origem ao projeto “Reciclando Peixe” (WWF-Brasil, 2011). Por meio dele, participaram de oficinas de curtimento de pele de peixe, oferecidas pela WWF-Brasil, em parceria com Senai/Sesi, e Sociedade Caritativa e Humanitária em 2001, e no ano seguinte com a participação do Centro Cultural, Embrapa Pantanal e a Fundação de Cultura de Corumbá. No mesmo ano de 2002, o Sebrae/Senai e a Secretaria de Meio Ambiente de Corumbá ainda ofereceram um curso de aproveitamento de carne de peixe. Em 2003, com apoio da WWF-Brasil e Sebrae, as mulheres passaram a ser preparadas com cursos específicos para organizarem a associação e o estatuto, ano em que foi instituída oficialmente a Associação Amor-Peixe.

Durante esses três primeiros anos, o apoio da WWF-Brasil foi, sobretudo, no sentido de um suporte organizacional, abrangendo capacitação, auxílio na elaboração do projeto e documentação para obtenção de apoio externo, doação de valores para aquisição de matérias-primas, equipamentos, entre outras despesas, financiamento para viagens e eventos e feiras relacionadas ao empreendimento, assessoria e supervisão técnica. Além da ONG, a Associação continuou recebendo apoio de outras organizações, inclusive da Embrapa Pantanal, Sebrae, Sesi, universidades regionais, organizações religiosas e governamentais.

O grupo de mulheres da Associação Amor Peixe passou então, a se instalar na Casa do Artesão de Corumbá, em 2003, num espaço cedido pela Prefeitura, que faz parte do roteiro de turistas. Após aprovação de um projeto junto ao Fundo de Investimentos Culturais de Mato Grosso do Sul (FIC-MS), a Associação passou a contar com os primeiros equipamentos de trabalho. No entanto, conforme assinalado no Relatório da WWF-Brasil, nessa fase inicial, as ações ainda não eram coletivas. O artesanato ainda era produzido e comercializado individualmente e havia conflitos internos. A partir de 2004, a Associação começou a contar com renda regular que teria sofrido acréscimos. Conheceu um pico de crescimento até 2005. Em 2006, houve a premiação “Mulher Empreendedora”, oferecido pelo Sebrae, além do prêmio “Mulher Revelação” na categoria Trabalho Social, oportunizado pela Revista Cláudia. Porém, essas premiações atingiram apenas o trabalho de liderança da presidente, sem abranger as associadas. Com isso, a presidente acabou deixando o cargo, e seguiu carreira individual. O grupo ficou desestabilizado e se viu fragmentado.

A partir de 2007, a Associação Amor-Peixe, com ajuda da WWF-Brasil, se reestruturou, focalizando-se mais no desenvolvimento organizacional e num projeto de natureza coletiva, elaborado com o suporte de metodologias de gestão participativa e noções de comercialização e contabilidade. Buscou-se fortalecer o aprendizado que permitisse a incorporação das noções da economia solidária, espírito de cooperação

entre as associadas, autogestão e desenvolvimento de produtos que não causassem a destruição progressiva do meio ambiente.

Esse processo permitiu o avanço da Associação, favorecendo maior inclusão de todas as associadas, atingindo, segundo a WWF-Brasil, uma curva de constante amadurecimento e conquista de autonomia, especialmente a partir de 2008, quando as associadas puderam obter ganhos com a produção de artesanato de couro de peixe, passando a diversificá-los e aprimorar o seu design. De acordo com o Relatório, a renda obtida chegara a fazer diferença na melhoria da qualidade de vida das associadas. Diante da produção crescente, não foi mais possível assegurar o regular abastecimento de peles de peixes capturados apenas no Pantanal. A associação passou a adquiri-la de criadouros de tilápia dentro do Estado, em Itaporã. Mais particularmente a partir de 2009, o trabalho realizado na Associação Amor Peixe ganhou visibilidade. As associadas eram convidadas a fazer palestras e participar de seminários, feiras e fóruns em vários municípios e em nível nacional, além de terem conquistado um espaço de representação no Território de Pesca do Ministério de Desenvolvimento Agrário e no Fórum de Economia Solidária de Mato Grosso do Sul. Receberam mulheres do Timor Leste e da Bahia, para compartilhar o aprendizado.

Em 2010, a WWF-Brasil entendera que Associação Amor-Peixe tivesse atingido plena autonomia, motivo que a levou a estudar sua saída da situação de parceira, planejada para o ano de 2011. Segundo a mesma, as metas definidas e objetivos firmados já tinham sido alcançados.

#### **4.3 - DESAFIOS DE NATUREZA ECONÔMICA NA PERCEPÇÃO DAS INTEGRANTES DA ASSOCIAÇÃO AMOR PEIXE EM 2018**

A pesquisa feita junto à Associação Amor Peixe, em 2018, no entanto, permitiu constatar uma situação diferenciada, que não revelava mais aquela de autonomia conquistada até 2010. Havia ocorrido redução significativa de integrantes, passando de 15 para 4 associadas, sendo que estas não faziam parte do grupo anterior. A desvinculação das anteriores associadas, segundo a presidente da Associação, havia ocorrido por diversos motivos. As novas associadas não haviam tido oportunidade de usufruir da capacitação anterior com apoio dos parceiros e nem mesmo de incorporar conhecimentos das associadas que as antecederam. Conforme informara a presidente da Associação, a condição de entrada para se tornar associada exigia apenas um estágio em torno de três meses. A faixa etária das associadas em 2018 estava entre 47 e 57 anos e uma delas com curso superior completo e todas com dependentes.

Na fala das associadas atuantes, os maiores desafios enfrentados eram de natureza econômica, confirmando o pressuposto teórico de Gaiger e Kuyven (2019), em relação aos sentidos atribuídos pelos protagonistas dos EES a esta dimensão, na solução para suas necessidades. Uma delas dizia respeito à dificuldade de se sustentar com a venda do artesanato produzido na Associação, inclusive menos valorizado no mercado do que anteriormente. Nas novas condições e diante do número reduzido de associadas, a produção acabara se tornando mais morosa. Apenas a presidente recebia uma remuneração pelo cargo administrativo exercido, mas as outras associadas precisavam recorrer a outras fontes de renda complementares e alternativas. Os outros desafios se referiam à estrutura e funcionamento do empreendimento. Entre as dificuldades materiais detectadas estavam a necessidade de reparos urgentes na estrutura física da edificação, na obtenção adequada de matéria-prima e de falta de variedade de aviamentos na região. Em relação ao funcionamento, as associadas se referiram à dificuldade de contar com mão-de-obra necessária no processo produtivo,

ausência de capacitação técnica para o pessoal envolvido na melhoria da qualidade dos produtos artesanais. Sobretudo, se referiram à falta de apoio de parcerias para poder melhor conduzir o EES, não só para o processo de capacitação, como para dar maior visibilidade à Associação e seus produtos.

O uso sustentável dos recursos locais também estava sendo comprometido e significava mais um grande desafio a ser superado. A base para o artesanato na Associação Amor-Peixe é a pele do peixe que, no início era obtida na região e de diversas variedades, num processo de reaproveitamento. Segundo a presidente da Associação, houve uma tentativa de manter um grupo de mão de obra para retirar a pele do peixe, entre as esposas dos pescadores ribeirinhos do Pantanal. Entretanto, não houve continuidade em função da dificuldade encontrada por elas nesse processo. A pele de peixe, portanto, estava sendo adquirida a preços, ainda que acessíveis, de produtores de tilápia de Campo Grande, capital do estado, situada há pouco mais de 400 quilômetros de Corumbá. Como essa pele chegava ainda cheia de gordura, exigia limpeza, tratamento químico e tingimento para ser utilizado nas peças, realizada numa área aberta da Casa do Artesão. O processo de curtimento do couro, segundo elas, também era moroso, envolvendo 15 etapas. A prática do uso sustentável de produtos naturais da região, segundo as associadas, também tinha sido alterada em relação ao urucum, utilizado anteriormente como corante do couro. Diante de reclamações dos clientes sobre o descoloramento das peças de artesanato com o passar do tempo, acabaram optando pelo tingimento com corantes processados industrialmente. O produto químico usado para tingir o couro passou a ser comprado do Rio Grande do Sul.

O couro estava sendo utilizado na fabricação de chinelos, porta documentos, carteiras, bolsas, chaveiros e bijuterias, brincos, entre outros. As peças produzidas artesanalmente permaneciam em exposição ao público na Casa do Artesão. Eventualmente, por meio de convites à Associação, as peças também estavam sendo expostas em feiras de artesanatos. O processo de inovação e melhoria do *design* das peças artesanais também ficara comprometido. No decorrer das entrevistas, foi possível perceber no espaço de venda, uma pequena variedade de modelos de peças em exposição, destacando ainda um nível de simplicidade na elaboração das mesmas.

#### **4.5 - ASPIRAÇÕES DAS MULHERES DA ASSOCIAÇÃO AMOR PEIXE EM 2018**

Num outro viés, foi possível verificar que, mesmo diante da dificuldade e desafios na sustentabilidade econômica das mulheres que permaneceram ou passaram a fazer parte da Associação Amor Peixe, sua continuidade se devia a valores e expectativas em relação à sua participação nesse EES. As forças de propulsão, nesse caso, conforme assinalaram GAIGER e KUYVEN (2019), seriam atribuídas aos sentidos construídos socialmente pelas mulheres sobre a Associação Amor-Peixe, durante essa trajetória, em função dos valores que a ela foram sendo atribuídos.

Isso pôde ser constatado, por meio da fala das associadas entrevistadas. Todas elas conheciam a trajetória da Associação e afirmaram se sentir valorizadas como participantes das práticas nela empreendidas. Afirmaram sentir satisfação pessoal diante do convívio com as outras associadas, num ambiente de solidariedade e de amizades construídas e fortalecidas. Entendiam que o processo coletivo de trabalho era gratificante. A maior motivação, segundo elas, vinha do fato de se sentirem valorizadas, incluídas e empoderadas nesse processo de participação de produção e comercialização oportunizado pela Associação, resultando num conhecimento



tanto das relações internas da Associação Amor Peixe, como das articulações mantidas com seu ambiente externo de indução, num contexto de políticas públicas favoráveis. Neste aspecto, a WWF-Brasil exerceu papel fundamental, seja para a organização e institucionalização da ONG, como para a capacitação técnica das associadas, nesse caso com apoio de outras EAFs. Essa ONG também exerceu papel importante na articulação dos contatos da Associação com eventos e organizações externas ao contexto local. Entre outras EAFs, o sistema S, em particular o Sebrae, além de capacitação, contribuiu com a divulgação da Associação, ao incluir a liderança da fase inicial para concorrer e ganhar o prêmio de “Mulher Empreendedora” e artigo na Revista Claudia como “Mulher Revelação na categoria Trabalho Social.

Por outro lado, pôde-se constatar, por meio da pesquisa realizada em 2018, que a retirada da WWF-Brasil e de outras EAFs, incluindo o desmonte das políticas públicas de apoio à Economia Solidária dos últimos anos, comprometeram a continuidade desse processo bem-sucedido de 2003 a 2010. Através da interpretação das percepções das associadas que conduziam a Associação Amor Peixe em 2018, em relação aos sentidos que atribuem a esse EES, foi possível deduzir o papel propulsor que ainda exercem as aspirações intersubjetivas construídas nesse processo, para a continuidade do EES, mesmo diante de importantes desafios a serem enfrentados, econômicos e ambientais. Também se pôde verificar por meio dessas aspirações femininas, que elas buscam, por meio dessas perspectivas de longo prazo, sobretudo continuar dando sentido às suas experiências pessoais.

Em realidade, a grande questão ainda a ser respondida em próximas pesquisas, seria a capacidade de sobrevivência desse EES, na atual complexidade do tecido social e de uma associação conduzida por mulheres que ainda permanecem em condição de vulnerabilidade, em continuar agindo num processo mais isolado, sem se articular externamente com EAFs, num campo de Economia Solidária.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Trabalho e do Emprego. **Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005**. Brasília: MTE/SENAES, 2006.

BUTSTRAEN, Laurent. ; MENET, Wilfried. ; CABRESPRINES, Jean. Louis. **Code de l'économie sociale et solidaire en France**. Bruxelas: Larcier, 2012.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho; LAVILLE, Jean Louis. **Economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

CRUZ, L. A.; CAVALCANTE, L. M. A.; PESSOA, S. C. 2013. **Economia Solidária e gênero no processo de construção da cidadania**. In: XXIX CONGRESSO ALAS, 29, Santiago, 2013. Anais. p. 1-13.

DINIZ, Sibeles. **Economia Popular e Economia Social Solidária: do precário ao plural**. In XVII ENANPUR: Desenvolvimento, crise e resistência: quais os caminhos do planejamento urbano e regional? São Paulo, 2017.

FERRARINI, Adriane. Vieira; VERONESE, Marília Veríssimo. **Piracema**: uma metáfora para o microempreendedorismo associativo no Brasil. *Outra Economia* (vol.4), N. 7, p.131-152, segundo semestre de 2010.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Boas práticas em economia solidária no Brasil**. Brasília: FBES, 2016.

GAIGER, Luis. **A economia solidária diante do modo de produção capitalista**. Caderno CRH, Salvador, v. 16, n. 39, p. 181-211, 2003.

GAIGER, Luis e KUYVEN, Patrícia. **Dimensões e tendências da economia solidária no Brasil**. *Revista Sociedade e Estado*, (Vol. 34), N. 3, p. 811-833, setembro/dezembro 2019. DOI: 10.1590/s0102-6992-201934030008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Os novos dados do mapeamento de Economia Solidária no Brasil: nota metodológica e análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos**, relatório de pesquisa. Brasília: IPEA, 2016. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriospesquisa/161026\\_relatorio\\_pesquisa\\_novos\\_dados\\_mapeamento\\_economia\\_solidaria\\_brasil.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriospesquisa/161026_relatorio_pesquisa_novos_dados_mapeamento_economia_solidaria_brasil.pdf) Acesso em: 09 set 2018.

LECHAT, Noelle Marie Paule. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil**. Campinas, 2002.

LE POULENNEC, Martine. **Vivre ensemble**: une utopie nécessaire. Paris: Riveneuve, 2014.

LIPIETZ, Alain. **Pour le tiers secteur**. L'économie sociale et solidaire : pourquoi, comment ? Paris: La Decouverte/ La Documentation Française, 2001.

MANCE, Euclides André. **A Revolução das Redes Colaboração Solidárias**. Encontro Internacional de Economias Salesianas, Sevilha, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Edson Elias de; LANZA, Fábio; SANTOS, Luiz Miguel Luzio; PELANDA, Sílvia Schroeder. **Propriedades coletivas, cooperativismo e economia solidária no Brasil**. *Serv. Soc. Soc.*[online]. 2011, n.105, pp.67-88.

OGANDO, Claudio Barcelos. **As Fronteiras da Economia Solidária**: uma análise a partir do Mapeamento Nacional. IHU Ideais, São Leopoldo, 2013.

OLIVEIRA, Nadja Simone Menezes Nery; NASCIMENTO, Tiago Pereira; CARVALHO, Eleneci Silva; SCHMIDT, Carla Maria. **Cooperação e empoderamento feminino: o caso da COOPERAGRA e da AMANA, no Paraná.** In: 55º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - SOBER, 2017, Santa Maria - RS. Anais do 55º SOBER, 2017.

SCHNEIDER, Elen Cristiane. **As potencialidades da economia solidária na redução das desigualdades de gênero.** Protestantismo em Revista, (vol.23), p.11-20, setembro-dezembro de 2010.

SILVA, Sandro Pereira. **Entidades de apoio e fomento à economia solidária no Brasil: uma análise exploratória.** Mercado de Trabalho, n. 61, p.107-116, outubro de 2016.

SIMON, Vanessa Pereira; BOEIRA, Sérgio Luís. **Economia social e solidária e empoderamento feminino.** Revista Ciências Sociais. Unisinos, v. 53, p. 532-542, 2017.

SINGER, Paul. **Introdução a Economia Solidária.** São Paulo: Contexto, 2002.

YUNUS NEGÓCIOS SOCIAIS BRASIL. **Negócios Sociais.** 2016. Disponível em: <http://www.yunusnegociossociais.com/o-que-sonegcios-sociais>. Acesso em: 05 jun. 2018.

WORLD WILDLIFE FOUND. **Amor-Peixe: modelo de desenvolvimento Sustentável.** Brasília: WWF- Brasil; 2011.

*Submetido em 1/2/2021.  
Aprovado em 20/10/2021.*